



REVISE

Revista integrativa em inovação
tecnológica nas ciências da saúde

ISSN: 2179-6572



UM ESTUDO TEÓRICO SOBRE O MODELO COGNITIVO DE ESTRESSE E *COPING*

*Patrícia Martins de Freitas.
Carine Mendes Rocha.
Társis Cajado Chaves da Silva.
UFRB*

Resumo

O presente estudo tem como objetivo apresentar o teórico modelo de estresse e *coping*, o qual apresenta as estratégias utilizadas pelo indivíduo no enfrentamento de um evento estressor e as suas formas de adaptação neste processo. A abordagem transacional estuda o estresse desenvolvendo elementos teóricos que mantém grande importância em toda literatura ao longo do tempo. Conforme o modelo, o estresse deve ser amplamente estudado, pois tem grande influência nos processos de adaptação humana. Para analisar o estresse é importante considerarmos: o estímulo; os processos ou respostas; e os resultados. Existem muitas variáveis envolvidas em situações de estresse, tornando necessária uma compreensão dos seus principais elementos e da dinâmica entre eles.

Palavras-Chave: Estresse. Coping. Estratégias. Adaptação.

ABSTRACT

This study aims to present the theoretical model of stress and *coping*, which presents the strategies used by the individual in *coping* with a stressful situation and ways to adapt this process. The transactional approach studies the stress developing theoretical elements that holds great importance in all literature over time. As the model, the stress should be widely studied, because it has great influence in the processes of human adaptation. To analyze the stress is important to consider: the stimulus, processes or responses, and results. There are many variables involved in stressful situations, requiring an understanding of its main components and the dynamics between them.

Keywords: Stress. Coping. strategies. Adaptation.



REVISE

Revista integrativa em inovação
tecnológica nas ciências da saúde

ISSN: 2179-6572



INTRODUÇÃO

O presente artigo tem como objetivo apresentar o modelo teórico cognitivo de estresse e *coping*, a partir da definição cognitiva ou transacional de estresse ao qual explica que as estratégias utilizadas pelo indivíduo, como recurso para uma melhor adaptação frente a um evento estressor, se dá por meio da sua interação com o meio em que está inserido. Explicar através do modelo de forma mais precisa, por meio de variáveis, como se dá a relação entre o estresse e uma determinada patologia que o indivíduo apresenta e os processos de *coping* que ele utiliza. Inicialmente, são apresentados alguns aspectos históricos e teóricos sobre os estudos relacionados ao estresse, *coping* e a abordagem transacional do estresse. Em seguida, será apresentado o modelo de estresse e *coping* identificando as formas que o indivíduo utiliza no enfrentamento de um problema, com a utilização de recursos e serviços necessários para sua adaptação. Para finalizar serão apontadas algumas dificuldades e limitações e possíveis soluções que são apresentadas por alguns autores em relação ao modelo de estresse e *coping*.

ASPECTOS HISTÓRICOS E TEÓRICOS DOS ESTUDOS SOBRE O ESTRESSE

O desenvolvimento teórico da abordagem cognitiva ou transacional do stress e coping foi precedido por diversas mudanças no contexto da pesquisa psicológica. Para tornar mais claro a origem de tal modelo faremos uma breve contextualização histórica.



REVISE

Revista integrativa em inovação
tecnológica nas ciências da saúde

ISSN: 2179-6572



Desde o início do século XX muitos teóricos já utilizavam o termo stress para designar eventos de vida com os quais os indivíduos não conseguiam lidar ou mesmo eventos que proporcionavam conseqüências negativas (Lazarus & Folkman, 1984). As investigações eram bastante relacionadas aos aspectos fisiológicos e comportamentais do estresse, sendo o estresse analisado a partir de suas respostas. As mudanças teóricas proporcionadas pelo movimento da revolução cognitiva na década de 50, ampliaram os fatores e as variáveis a serem analisadas nas pesquisas sobre o estresse (Lazarus & Folkman, 1984). O reconhecimento da interferência das variáveis intrapsíquicas, situadas entre os estímulos e as respostas, inicia uma nova etapa, com maior ênfase nos processos conscientes. A importância das percepções, dos processos cognitivos, crenças e experiências anteriores, torna o estudo do estresse mais completo, analisando os dois grandes fatores do desenvolvimento, o cognitivo e o social (Lazarus & Folkman, 1984; Somerfield & McCrae, 2000).

O modelo transacional do estresse inicia sua trajetória teórica e metodológica na década de 60 desenvolvendo elementos teóricos que mantêm grande importância na literatura atual. Segundo esse modelo, o estresse deve ser amplamente estudado, pois tem grande influência nos processos de adaptação humana (Lazarus & Folkman, 1984). Para analisar o estresse é importante considerarmos: o estímulo; os processos ou respostas; e os resultados. Existem muitas variáveis envolvidas em situações de estresse, tornando necessária uma compreensão dos seus principais elementos e da dinâmica entre eles.



REVISE

Revista integrativa em inovação
tecnológica nas ciências da saúde

ISSN: 2179-6572



O termo estímulo refere-se à situação considerada potencialmente estressora (Charron-Prochownik, 2002). Segundo Lazarus & Folkman (1984), essa definição originou-se de classificações generalistas, que identificam a situação como estressora quando a maioria das pessoas apresenta reações de estresse a partir de um determinado estímulo ou evento. Entretanto, tornou-se claro que as situações não podem ser definidas como estressoras apenas considerando a frequência das reações. Para que se possa identificar uma situação como estressora é importante analisar as variáveis pessoais e sociais/situacionais envolvidas.

As respostas à situação estressora foram durante muito tempo o único critério para identificar o estresse (Lazarus & Folkman, 1984). As respostas caracterizam-se por reações emocionais ou comportamentais a partir do impacto do estressor e suas principais características são a falta de objetivos e ausência de intenção. As reações de estresse possuem conotação negativa e estão mais associadas com a desadaptação psicossocial, podendo desenvolver desorganização da saúde física e mental.

A descrição de estímulos e repostas evidencia a limitação de tais elementos que por si só não explicam a presença ou não de estresse psicológico. A definição transacional do estresse permite a análise do encontro entre o indivíduo e o ambiente. Através dessa interação é possível entender por que em determinadas situações consideradas estressoras existem variações humanas, de modo que nem todas as pessoas experienciam estresse (Lazarus & Folkman, 1984). Os modelos teóricos que abordam o estresse sem analisar o



REVISE

Revista integrativa em inovação
tecnológica nas ciências da saúde

ISSN: 2179-6572



nível pessoal apresentam limitações explicativas (Beresford, 1994). Para entendermos as diferentes reações e padrões nas situações de estresse, ou seja, para explicar por que para algumas pessoas um determinado estímulo é estressor e para outras não é, são necessárias análises específicas que contemplem a situação e a relação com o indivíduo. Esse é um dos motivos pelos quais as diferenças individuais não podem ser negligenciadas (Lazarus & Folkman, 1984). Ainda segundo esses autores, a existência de uma situação estressora também não garante que haverá um processo de desadaptação significativo levando ao desenvolvimento de patologias. A relação entre estresse e patologias não é tão direta como se imaginava. O modelo de análise transacional permite a investigação mais precisa das variáveis mediadoras e moderadoras ligadas ao processo de desajuste físico e psicológico (Rudolph, Dennig & Weisz, 1995).

A abordagem transacional amplia o modelo de análise considerando as variáveis pessoais e contextuais envolvidas na situação retratando a multicausalidade presente para eventos estressores. Outros aspetos referentes à multicausalidade muito comuns entre na relação entre estresse e doença exige que outras condições se manifestem, como a vulnerabilidade, os processos de manejo inadequados, baixo nível de recursos etc. Um dos desafios das pesquisas sobre o estresse é identificar as variáveis importantes em situações específicas de estresse e definir a relação entre essas variáveis. A partir do esclarecimento quanto às relações de causalidade é possível ampliarmos os efeitos terapêuticos ainda tão



REVISE

Revista integrativa em inovação
tecnológica nas ciências da saúde

ISSN: 2179-6572



questionados no modelo cognitivo (Coyne & Racioppo, 2000; Somerfield & McCrae, 2000).

A relação entre pessoa-ambiente tornou-se inquestionável nos estudos do estresse. Mesmo em situações extremas percebeu-se que as perturbações negativas, como por exemplo, depressão, ansiedade, traumas são bastante variáveis (Cramer, 2000; Lazarus & Folkman, 1984; Somerfield & McCrae, 2000). Essa característica do construto estudado implica diretamente na sua definição: Estresse psicológico é uma relação entre a pessoa e o meio que é avaliada pela pessoa como excedendo ou sobrecarregando seus recursos e ameaçando o seu bem-estar. O estresse é mediado por dois fatores a avaliação cognitiva e os processos de coping (Beresford, 1994; Lazarus & Folkman, 1984).

A partir dos resultados ou desenlace do encontro do indivíduo com um evento estressante deriva de um processo de interação entre as variáveis individuais, variáveis ligadas ao evento e a avaliação cognitiva que a pessoa faz da situação. O que determina a natureza estressante de um evento não são tanto as suas características intrínsecas, mas a avaliação do indivíduo, a qual envolve um processo de interpretação simbólica ou de atribuição de significado (avaliação cognitiva ou subjetiva) (Beresford, 1994; Lazarus & Folkman, 1984; Ptacek & Pierce, 2003).



REVISE

Revista integrativa em inovação
tecnológica nas ciências da saúde

ISSN: 2179-6572



MODELO DE ESTRESS E COPING

A avaliação cognitiva contribui para explicar as diferentes reações diante de situações estressoras. A forma como cada indivíduo interpreta a situação influencia as demais etapas, como por exemplo, o manejo do estresse e a adaptação. O processo de avaliação cognitiva permite a diferenciação entre evento potencialmente deletério ou evento benigno, condição necessária para a sobrevivência e adaptação humana. Existem três tipos de avaliações dentro do modelo transacional: avaliação primária; avaliação secundária; e as reavaliações. Segundo Beresford, 1994; Lazarus & Folkman, 1984; Ptacek & Pierce, 2003, na avaliação primária o indivíduo avalia a natureza da situação, classificando-a como: evento benigno; evento irrelevante; ou evento estressor. O evento irrelevante é aquele que não acarreta nenhuma alteração no bem-estar do indivíduo. Não há nenhuma necessidade de investimento, valor ou compromisso, pois nada é obtido e nem mesmo perdido com esse tipo de evento. O evento benigno caracteriza-se por produzir resultados positivos, preservando ou aumentando o bem estar. O evento considerado benigno está associado com emoções positivas como, alegria, tranquilidade, felicidade. Os eventos totalmente benignos podem ser raros e a presença de um certo grau de apreensão deve ser sempre considerada. O evento estressor é o de maior interesse para o estudo. A classificação de evento estressor se subdivide em dor/perda, ameaça e desafio. Como já foi dito anteriormente, a interpretação do evento é o primeiro passo no processo de ajustamento psicológico. Os



REVISE

Revista integrativa em inovação
tecnológica nas ciências da saúde

ISSN: 2179-6572



eventos que produzem dor ou perda são considerados prejudiciais e por isso envolvem mais engajamento. A ameaça representa a antecipação da dor e da perda, mobilizando os esforços de manejo. O evento de desafio possui certo potencial para ganhos ou crescimento. Nos eventos desafiadores há o predomínio de emoções positivas. O evento desafiador, assim como, o evento ameaçador, mobiliza esforços para manejar a situação (Lazarus & Folkman, 1984).

Estudos revelam que eventos de vida estressantes e doença demonstram uma associação. Os eventos estressantes explicam 9% – 10% da variância das disfunções física ou psicológica (Cohen & Edwards 1989; Holanham, Moos & Schaefer 1996; Somerfield & Mc Crae, 2000). Esses resultados demonstram a importância dos tipos de eventos de vida, sendo os eventos estressantes mais propensos para o desenvolvimento de psicopatologias ou doenças. Entretanto, fica evidente que outros fatores estão envolvidos e só o evento estressante não é capaz de explicar os problemas de desadaptação.

A avaliação secundária tem como objetivo identificar o que deve e o que pode ser feito para lidar com a situação estressora. Através da avaliação secundária são definidas as formas de enfrentamento, ou seja, o tipo de coping que será utilizado (Ptacek & Pierce, 2003). A definição de coping tem sido bastante discutida na literatura. A polêmica maior está na diferença entre as estratégias de coping e os resultados de *coping*. Lazarus & Folkman (1984, p. 283) definem como: “processo de manejo das demandas internas ou externas que são avaliadas como sobrecarregando ou excedendo os recursos da pessoa”. O *coping* é



REVISE

Revista integrativa em inovação
tecnológica nas ciências da saúde

ISSN: 2179-6572



considerado um mediador entre um estressor e os resultados desencadeados pela exposição ao estressor. O enfrentamento é, portanto, uma variável que modifica a relação entre o estressor e as conseqüências do estresse.

Segundo Lazarus & Folkman (1984), os objetivos principais do processo de *coping* são: a) remover ou reduzir as influências do estímulo estressante; b) tornar toleráveis as circunstâncias ou eventos desagradáveis ou adaptar o organismo às mesmas; c) conservar uma auto-imagem positiva; d) continuar se relacionando satisfatoriamente com as outras pessoas. Esse modelo sugere ainda que isto é conseguido, basicamente, através de dois tipos de estratégias de *coping*, pelas quais os indivíduos tentam se adaptar. As estratégias focadas no problema, ou instrumentais, se referem às tentativas por parte do indivíduo de obter informação adicional para uma solução cognitiva mais eficaz do problema ou para mudar ativamente o evento ou situação estressante. Já as estratégias focadas nas emoções, ou paliativas, são aquelas que enfatizam as técnicas comportamentais e cognitivas objetivando o manejo da tensão emocional produzida pelo evento ou situação estressantes.

Tanto a avaliação primária quanto a secundária recebem influências dos fatores sociais e pessoais. Esses fatores são considerados recursos e têm influências tanto na definição do tipo de evento quanto no tipo de estratégia de *coping*. O baixo ou alto nível de recursos percebidos pode decidir a avaliação do evento e as possibilidades de manejo (Beresford, 1994; Lazarus & Folkman, 1984; Ptacek & Pierce, 2003). A vulnerabilidade é outro fator de influência na avaliação cognitiva nas situações de estresse. A relação entre os recursos, a



REVISE

Revista integrativa em inovação
tecnológica nas ciências da saúde

ISSN: 2179-6572



vulnerabilidade, e o engajamento interfere nos padrões individuais de ação. Se os recursos presentes são percebidos, o indivíduo fica menos vulnerável ou mais resistente aos efeitos adversos do estresse. Isso aumenta a probabilidade de que o evento seja percebido com desafio e não como ameaça (Beresford, 1994; Lazarus & Folkman, 1984).

O terceiro tipo de avaliação é a reavaliação, que representa as mudanças na avaliação com base em novas informações ambientais ou pessoais (desfechos). As reavaliações têm a mesma função das demais avaliações, perceber as situações e definir as formas de ação. Entretanto, a reavaliação é realizada após as primeiras avaliações e os primeiros resultados de *coping*. O indivíduo faz a reavaliação com a finalidade de reiniciar o processo, criando uma alça de *feedback*. As reavaliações positivas têm sido associadas a efeitos nos eventos estressantes. No estudo de cuidadores de pessoas com síndrome da imunodeficiência adquirida (AIDS) as reavaliações positivas aumentam os esforços das atividades de assistência (Folkman & Moskowitz, 2000). Os cuidadores percebem suas atividades como parte da demonstração de amor e garantia da dignidade de seus parceiros. As experiências dolorosas, exaustivas e estressantes, relacionadas aos cuidados de pessoas doentes, são reavaliadas como otimistas. A consciência do valor dos esforços realizados tem um efeito motivador. O modelo considerando as avaliações cognitivas e o *coping* pode ser ilustrado na Figura 4.1



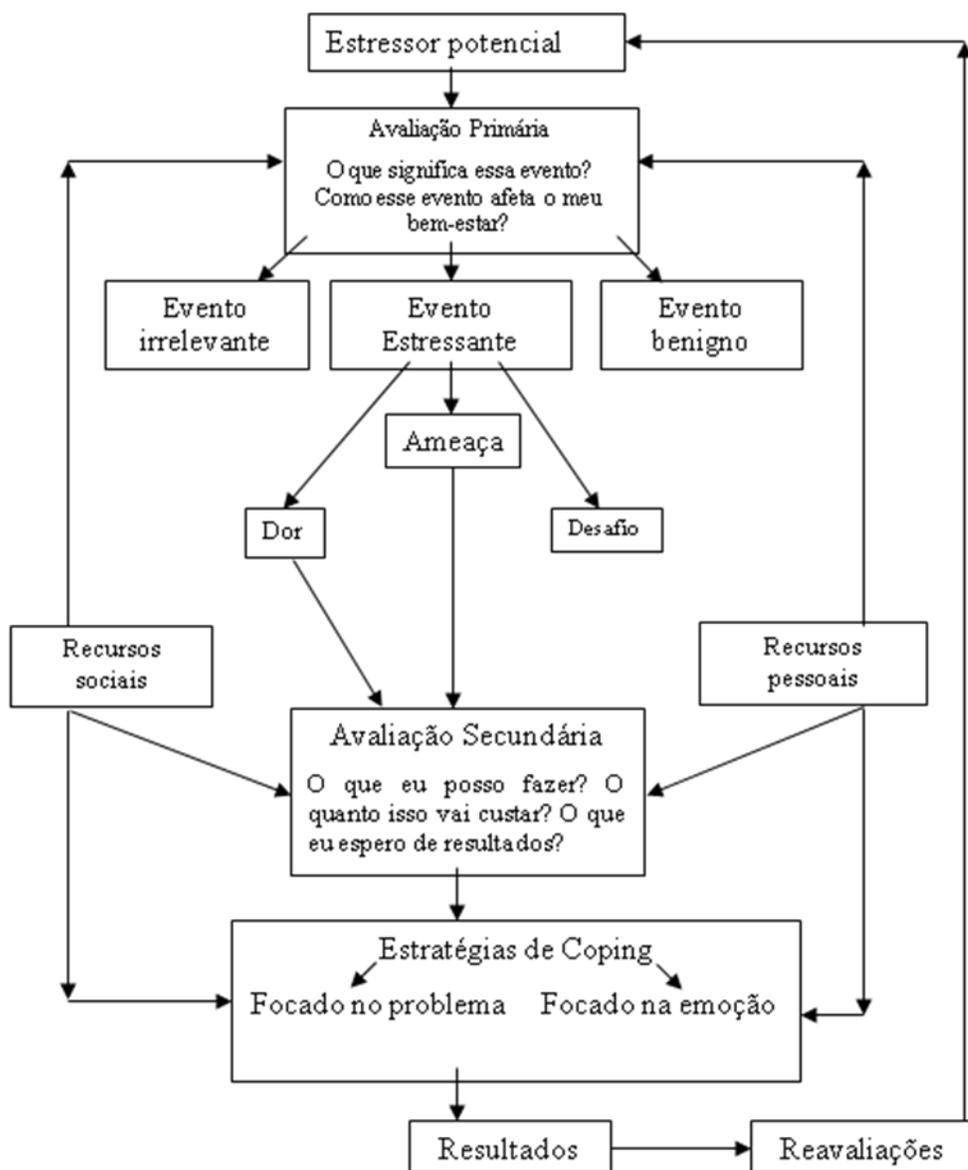
REVISE

Revista integrativa em inovação
tecnológica nas ciências da saúde

ISSN: 2179-6572



Figura 1- Modelo Estresse-coping de Lazarus e Folkman





REVISE

Revista integrativa em inovação
tecnológica nas ciências da saúde

ISSN: 2179-6572



Figura 4.1: Modelo de Estresse e *Coping*

Considerando os aspectos já apresentados, vamos aprofundar o exame dos fatores pessoais e sociais que interferem no processo como um todo. Vários autores descrevem fatores pessoais e situacionais como recurso de . Os recursos pessoais são características físicas ou psicológicas que contribuem de forma positiva no processo de adaptação. São exemplos de recursos pessoais a saúde física, crenças e ideologias, variáveis da personalidade, experiências anteriores e habilidades específicas para a situação. Os recursos sociais são definidos por elementos percebidos do contexto social do indivíduo tais como, apoio social, apoio do cônjuge, status sócio-econômico e ambiente familiar (Beresford, 1994; Hauser-Cram et al, 2001; Lazarus & Folkman, 1984).

Folkman & Moskowitz (2000) consideram a influência dos recursos pessoais e sociais. A presença de determinados recursos, como otimismo, crenças espirituais, escolaridade e estabilidade financeira, aumenta a possibilidade de desenvolver estratégias que preservam o bem-estar. Assim como a presença de suporte social, apoio do cônjuge, ambiente familiar caracterizado por coesão e estabilidade emocional tende a minimizar os efeitos negativos do estresse. Os recursos são parte de um processo. A presença dos mesmos não garante que estes sejam utilizados. O uso dos recursos depende que esses sejam percebidos, sendo parte das avaliações cognitivas. Ao analisarmos determinadas etapas do encontro entre o



REVISE

Revista integrativa em inovação
tecnológica nas ciências da saúde

ISSN: 2179-6572



estressor e o indivíduo podemos identificar momentos de grande desajuste, em tais etapas as reações de estresse serão mais frequentes e o processo de *coping* limitado, impedindo a percepção dos recursos disponíveis.

A compreensão das prováveis interações entre as variáveis presentes no processo de estresse e *coping* enfatiza as evidências de multicausalidade. O interesse no estudo de tais construtos tem verificado a influência de uma variável que tem sido negligenciada nas pesquisas dessa área. Folkman & Moskowitz (2000) destacam a importância dos efeitos positivos do estresse, apresentando as influências que tais efeitos podem contribuir para a efetividade do *coping* e o bem-estar dos indivíduos. Os efeitos positivos ou emoções positivas no contexto do estresse têm uma significação importante no processo de adaptação. As autoras demonstram que o processo de manutenção das estratégias de *coping* em doenças crônicas está associado aos efeitos positivos do estresse.

A visão do outro lado da moeda também tem sido apontada por Kearney & Griffin (2001). Esses autores concluem em seus estudos que, embora os pais de crianças com distúrbios do desenvolvimento experienciem uma forte angústia e tristeza, também manifestam esperança, amor, esforço e alegria. O estudo de um fenômeno tão abrangente não pode limitar-se a apenas um dos seus aspectos. Os efeitos positivos podem fazer parte das contribuições para explicar as variações humanas na percepção e no manejo dos eventos estressores.



REVISE

Revista integrativa em inovação
tecnológica nas ciências da saúde

ISSN: 2179-6572



Considerando esses dados e a discussão atual sobre os dilemas que envolvem a teoria cognitiva do estresse, identificamos a necessidade da ampliação dos estudos envolvendo esse tema. Apesar dos grandes avanços teóricos e metodológicos desde 1960, as discussões entre os principais autores da área identificaram algumas lacunas que precisam ser preenchidas (Coyne & Racioppo, 2000; Somerfield & McCrae, 2000; Folkman & Moskowitz, 2000; Lazarus, 2000).

DIFICULDADES E LIMITAÇÕES DO MODELO

Diversas autoridades abordam, de diferentes formas, os pontos críticos do modelo cognitivo que têm sido identificados. Alguns apresentam perspectivas bastante pessimistas (Coyne & Racioppo, 2000), outros, porém apesar de concordar com as limitações do modelo apresentam possíveis soluções e descrevem as dificuldades como parte do processo de amadurecimento do modelo (Somerfield & McCrae, 2000; Folkman & Moskowitz, 2000; Lazarus, 2000). A seguir faremos apresentação dos aspectos questionados na literatura e das soluções propostas como necessidades de contribuição para as pesquisas de estresse e *coping*.

Uma das limitações identificadas foi a qualidade das pesquisas. Segundo Coyne & Racioppo, 2000, uma parcela significativa dos estudos do estresse e do *coping*, verifica a veracidade do modelo teórico através do uso de questionários. Essa metodologia não permite a análise das diferenças individuais, que são variáveis fundamentais no modelo



REVISE

Revista integrativa em inovação
tecnológica nas ciências da saúde

ISSN: 2179-6572



cognitivo. Outra limitação relacionada ao uso dos questionários como instrumentos de medida refere-se ao baixo poder de precisão para identificar as necessidades de intervenção. Tais dificuldades metodológicas são reconhecidas por outros pesquisadores da área, mas são consideradas como críticas fundamentais em análise parcial.

Segundo Lazarus (2000) a tendência atual dos estudos do estresse e do *coping* serve-se de delineamentos que utilizam dois modelos de investigação, utilizando metodologias quantitativas e qualitativas. Dessa forma a análise dos aspectos idiossincráticos do estresse e do *coping* são contemplados. Vários estudos têm utilizado análises microgenéticas, tais como entrevistas em profundidade e o uso de diários (por exemplo, Folkman & Moskowitz, 2000; Tennen, Affleck, Armeli & Carney, 2000).

A lacuna entre a prática clínica e a pesquisa apontada por Coyne & Racioppo, 2000; Somerfield & McCrae, 2000; Folkman & Moskowitz, 2000; Lazarus, 2000, mostra que apesar do grande número de publicações apresentadas na literatura existem dificuldades na aplicabilidade dos seus resultados. Para Lazarus (2000) essa limitação é real. Uma das formas de explicá-la é a difícil comunicação entre os pesquisadores e clínicos. Lazarus apresenta como proposta que os pesquisadores da área façam referência às possíveis aplicações clínicas de seus achados científicos.

A partir de tais considerações, podemos perceber que o modelo transacional do estresse e do *coping* ainda apresenta dificuldades e limitações que somente serão resolvidas através de avanços metodológicos. Assim como o uso de metodologias que permitem a análise das



REVISE

Revista integrativa em inovação
tecnológica nas ciências da saúde

ISSN: 2179-6572



diferenças individuais, são necessários os avanços no desenvolvimento de instrumentos, que contemplem as especificidades das situações estressoras. Outros aspectos importantes para o avanço dessa área de pesquisa são os métodos estatísticos, que devem ser direcionados para formas analíticas, elaborando explicações de causalidade e não apenas de associações.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A discussão sobre o modelo cognitivo do estresse e *coping* mostrou que, apesar de ser um modelo especificamente desenvolvido para o estudo desses construtos, ainda existem limitações tanto teóricas quanto metodológicas. As propostas de avanços devem ser adotadas nos mais diversos estudos com finalidade de ampliar a capacidade explicativa do modelo cognitivo do estresse e *coping*.

Pesquisadores desse modelo buscaram enfatizar os comportamentos de *coping* e seus determinantes cognitivos e situacionais (Suls, David & Harvey, 1996) e passaram a conceitualizar *coping* como um processo transacional entre a pessoa e o ambiente, com ênfase no processo, tanto quanto em traços de personalidade (Folkman & Lazarus, 1985).

Os resultados apresentados sugerem a importância do avanço teórico e metodológico das linhas de pesquisa relacionadas ao estudo do estresse e do *coping*. Identificou-se ainda como principal problema da área a carência de instrumentos de avaliação. O modelo teórico é bastante enfático ao considerar a importância dos aspectos situacionais no processo do



REVISE

Revista integrativa em inovação
tecnológica nas ciências da saúde

ISSN: 2179-6572



estresse, porém os instrumentos mais utilizados no campo dos estudos do estresse e do *coping* são de âmbito geral. Sugere-se como ponto de partida para suprir tais dificuldades a adaptação e validação de instrumentos que abordem os fatores situacionais do estresse, o que melhoraria a qualidade das pesquisas.

O modelo cognitivo de estresse e *coping* tem sido uma forte contribuição para entendermos os processos psicológicos envolvidos nos diferentes tipos de patologias. A relação presente entre o desenvolvimento familiar e o desenvolvimento do indivíduo enfatiza a necessidade de compreender as alterações psíquicas de parentes, assim como os fatores que auxiliam nos processos adaptativos. Porém a análise das variáveis pessoais e situacionais não pode ser considerada como definitiva, pois ainda são necessárias mais pesquisas sobre os recursos de *coping* para tornar mais sólido o modelo explicativo.

Apesar de sabermos das limitações dessa análise é importante ressaltar que os recursos apresentados pelos indivíduos têm sido amplamente pesquisados e discutidos como variáveis importantes do processo de estresse e *coping*. Além disso, é salientada a necessidade de uma teoria específica de estresse-*coping* para as diferentes faixas etárias, tendo em vista as mudanças cognitivas e comportamentais que ocorrem ao longo do desenvolvimento humano.



REVISE

Revista integrativa em inovação
tecnológica nas ciências da saúde

ISSN: 2179-6572



REFERÊNCIAS:

BERESFORD, B. Resources and strategies: how parents cope with the care of a disable child. *Journal of Child Psychology and Psychiatry*, v. 35: p. 173-209, 1994.

COYNE, J. C. & RACCIPOPO, M. W. Never the twain shall meet? Closing the gap between *coping* research and clinical intervention research. *American Psychologist*, vol. 55, n. 6, 655-664, 2000.

COHEN, S. & EDWARD, J. R. Personality characteristics as moderators of relationship between stress and disorder. In R. W. J. Advantages in the investigation of physiological stress, p. 235-283. New York, 1989.

CRAMER, P. Defense Mechanisms in Psychology Today: Futher Processes for Adaptation *American Psychologist*, v. 55, n. 6, p. 637-646, 2000.

CHARRON-PROCHOWNIK, Special needs of the chronically ill child during middle childhood: application of a stress-coping paradigm. *Journal of Pediatric Nursing*, v. 17, n. 6, p. 407-413, 2002.

FOLKMAN, S., MOSKOWITZ, J. T. Positive affect and the other side of the *coping*. *American Psychologist*, v. 55, n. 6, p. 647-654. 2000.

HOLAHAN, C. J., MOOS, R. H. & SCHAEFER, J. A. *Coping*, stress, resistance, and growth: conceptualizing adaptive functioning. In. M. Zeider & N. S. Endler (Eds.). *Handbook of coping* p.24-43, New York: Wiley, 1996.

KEARNEY, P. M., GRIFFIN, T. Between joy and sorrow: being a parent of children with developmental disability. *Issues and innovations in Nursing Practice*, v. 34, n. 5, p. 528-592, 2001.

LAZARUS, R. S & FOLKMAN, S. *Stress, appraisal, and coping*. New York: Springer, 1984.

PTACEK, J. T. & PIERCE, G. R. Issues in the study of stress and *coping* in rehabilitation settings. *Rehabilitation Psychology*, v. 48, n.2, p. 113-124, 2003.



REVISE

Revista integrativa em inovação
tecnológica nas ciências da saúde

ISSN: 2179-6572



RUDOLPH, K. D. DENNING, M. D. & WEISZ, J. R. Determinants and consequences of children's *coping* in the medical setting: conceptualization, review, and critique. *Psychological Nulletim*, v. 118, n. 3, p. 328-357, 1995.

SOOMERFIELD, M. R. & MCCRAE, R. R. Stress and *Coping* Research: Methodological Challenges, Theoretical Advances, and Clinical Applications. *Ameri9can Psychologist*, v. 55, n.6: p. 620-625, 2000.

TENNEN, AFLEFLECK, ARMELI & CARNEY, A daily process approach to *coping* linking theory, research, and practice. *American Psychologist*, v. 55, n. 6, p. 626-636, 2000.

HAUSER-CRAM, P.; WARFIELD, M. E.; SHOWNKOFF, J. P., KRAUSS, M. W. Children with disabilities: a longitudinal study of child development and parent well-being. *Monographs of the Society for Research in Child Development* 2001; v. 66: (3, Serial No. 236).